

PLANTAS, BOBAGENS E AS VESTIMENTAS DOS SANTOS

Por Cristiano Budreckas

Cada vez que encontro um “caminhão de terra”, em qualquer rua ou estrada da vida, sou levado a um sem número de reflexões, algumas voltadas à pessoa que comprou a terra, doravante denominado cliente, outras voltadas à pessoa possuidora de um caminhão basculante, doravante denominado fornecedor, algumas relativas ao local de onde a terra foi retirada, doravante com denominações que podem variar como morro ou barranco e outras tantas relativas ao local onde a terra será depositada, doravante (poder-se-ia partir a palavra em duas, dor e avante, pois é quem sofrerá lá na frente, junto com o morro ou a várzea), denominado jardim.

Apesar de não saber por qual de nossos quatro personagens iniciar nosso plantas e bobagens, tenho toda certeza de como terminar. Então como diria “Jack”, vamos por partes.

Receoso com o lento desenvolvimento das plantas do jardim, o cliente, orientado pelos sábios conselhos do fiel jardineiro que com tanto afinho cuida das plantas, mune-se de um aparelho telefônico de última geração, aqueles com viva-voz, secretária, transferência de chamadas, redial, zilhões de bits de memória, etc e uma lista telefônica, após algumas tentativas frustradas, localiza um fornecedor, passando a haver um diálogo, como:

Cliente(C) – “ Vocês tem terra para jardim?”

Fornecedor (F) – “Doto, o Sr ligô no lugá certo!”

C – “Que tipo de terra vocês tem?”

F – “Doto, nós temo terra vermeia, marelá, preta, meiareia, curada, meia cura, capa de morro, meio morro, sirte, trufa, dubada, sem dubá, de base, pra cobertura, pra grama, com torta di mamona, com farinha di osso, ...

Perplexo com tanta variedade, o cliente pergunta:

C – “Mas qual delas é boa para jardim?”

F – “Quarquê uma, doto!!!!”

Para não se passar por ignorante, nosso amigo cliente, num lampejo de memória, lembra de seu avô que apregoava milagres para a terra preta, que até curava bichas (entenda-se bicha, como verme ou parasita intestinal e não o sujeito com comportamento diferente daquele heterossexual) e resolve sair por cima, assim:

C – “Quanto custa o caminhão de terra preta?”

F – “ Pra integrá daonde doto?”

C – “ No bairro X.”

F – “ Até aí dá Y quilômetros, intonce, fica R\$ 50,00 o metro.”

C – “ No caminhão vem quantos metros?”

F – “Sete metro, doto!!!”

C – “ Então combinado, por gentileza, o Sr entregue no endereço W, na segunda-feira pela manhã que meu jardineiro estará esperando, deixarei o cheque com ele.”

F – “ Tá ok, dotô.”

Ordenando os fatos cronologicamente, a entrega não acontece na segunda-feira pois apesar de ser mês de Agosto e do cliente morar na linha do Trópico de Capricórnio, á poucos quilômetros dali caiu uma chuva de 120 milímetros. Na terça-feira, um acidente na Rodovia interditou o trânsito. Na quarta-feira uma blitz da antiga Polícia Florestal (atual Polícia Ambiental), impediu o caminhão de deslocar-se pois seria preso. Na quinta-feira finalmente a terra chega. Outro fato curioso é que o cliente pagará por sete metros de terra preta e na verdade receberá algo próximo de cinco metros cúbicos. Com a ajuda da física e da matemática, podemos provar que é humanamente

impossível entregar num basculante comum, sete metros cúbicos. Não acredita, então pense fisicamente, pois um metro cúbico, é igual á mil litros, como a terra tem densidade de 1,4g/ml, teríamos:

$$1000 \text{ l de terra} = 1.400 \text{ Kg}$$

Leves e ágeis os caminhões de dois eixos (conhecidos como “toco”), são utilizados pelo fornecedor para entrega de terra na casa dos clientes; estes veículos tem capacidade para seis mil quilos de carga. Assim fazendo o caminho inverso, se dividirmos sua capacidade (6.000Kg), pela densidade da terra (1.400Kg/m³), chegamos ao valor de 4,3 m³. Se fossem sete metros cúbicos o peso seria algo em torno das dez toneladas, incompatível com o “toco”.

Injuriado, talvez por sentir que já foste vítima desse golpe, você acha absurdo que algo perto de quatro metros cúbicos de terra custem R\$350,00. Tenha certeza que o personagem denominado cliente foi só INICIALMENTE ROUBADO em R\$ 150,00. Assim você vem com a desculpa:

“- É mas não se pode ter em casa uma balança para dez toneladas!!!!”

Não, não pode e não deve, na verdade vocês dois deveriam utilizar um pouco mais os conceitos adquiridos na escola, não digo aqueles absurdos de velocidade da luz, cotangente, cálculo exponencial e outros bichos difíceis de digerir.

Estudando nosso problema pelo prisma da Trigonometria (também não é aquela ciência que mede o tamanho dos grãos de trigo, apesar de existir uma situação bastante corriqueira em que o tamanho dos grãos de cevada ou de centeio são importantes, é quando você vai ao shopping comprar sapatos e apesar de afirmar que calça 38, todos os pisantes lhe ficam apertados. Pois a unidade de mensuração de sapatos, não é dada por medidas convencionais como polegadas ou centímetros, mas sim por grãos de cevada ou centeio. Vejamos o meu caso, meus modestos quarenta e cinco, significam que o tamanho de meu sapato é igual á quarenta e cinco grãos de cevada ou centeio alinhados pelo seu comprimento e colocados lado á lado, por isso o tamanho do calçado varia de fabricante para fabricante e de país para país. Voltando á vaca fria, se você aplicar a trigonometria para medir o volume de terra que está depositado no caminhão antes dele descarregar, fica fácil acabar com o roubo.

Cubicar a carga significa calcular o volume. As carrocerias normalmente tem forma retangular; para calcular o volume de um retângulo, basta:

$$V = S \times H \quad \text{onde; } V = \text{Volume em metros cúbicos.}$$
$$S = \text{Área em metros quadrados.}$$
$$H = \text{Altura da carroceria em metros.}$$

basta ainda calcular a área, usando a fórmula;

$$S = \text{Comprimento} \times \text{Largura}$$

normalmente os caminhões tem largura fixa de 2,40 m e os basculantes “toco”, comprimento de 4,0m; assim;

$$S = 4 \times 2,4 \quad \ggggg \quad S = 9,6 \text{ m}^2$$

para calcular o volume, precisamos da altura da carroceria, normalmente os basculantes, tem 0,5 m de altura. Assim;

$$V = S \times H \quad \ggggg \quad V = 9,6 \text{ m}^2 \times 0,5 \text{ m} = \underline{4,8 \text{ m}^3}$$

Com a certeza de que a matemática e a física andam de mãos dadas, obtivemos pela física o valor de 4,3m³ e pela matemática o valor de 4,8m³, tudo isso para comprovar que o cliente está sendo furtado assim como você foi um dia, resta a esperança de ter aprendido como não mais cair nesse conto.

Atento ao texto, você deve ter notado que á alguns parágrafos atrás, grafiei as palavras inicialmente roubado em maiúsculas e grifadas, pois a milagrosa terra preta, não é tão milagrosa assim, como idolatram.

Revedo alguns conceitos, observamos que a terra preta provêem de duas fontes, uma delas da decomposição de folhas e outros materiais orgânicos que se encontram debaixo da mata, esse material é raspado, peneirado e carregado até onde um caminhão possa busca-lo, esta terra tem boas qualidades, mas para a sociedade moderna que almeja grandes lucros em prazos curtos, o processo não serve. Outra fonte é a várzea dos rios, desde que não esteja ocupada com casas como acontece com os Rios Pinheiros e Tietê em São Paulo. Quando o rio enche, nas épocas das chuvas, trás das partes mais altas materiais orgânicos que deposita nas suas margens (além de parar trânsito, invadir casas, etc, na verdade tudo isso é propriedade do Rio) esses materiais deixam o solo rico mas não fértil, pois deposita-se Nitrogênio, Fósforo e Potássio, mas com a vazante o Cálcio e o Magnésio são carregados, tornando o solo ácido.

Observe então que o fornecedor entrega ao cliente terra preta ácida, rica mas infértil, não orienta-o como tratá-la, apesar do tratamento ser relativamente simples, adicionando-se calcário, cal agrícola ou cinza de madeira e aguardando um tempo para que quimicamente os processos se realizem; assim o cliente foi pela segunda vez roubado, comprando gato por lebre.

Ligando os fatos, a várzea onde o fornecedor retirou a terra, era a mesma onde o Tanaka Sam (aquele que teve o filho que transformou-se em dekassegui que foi apertar parafusos na terra do Sol Nascente, motivado pelo fato do pai vender cenouras 'R\$0,14/Kg e alfaces á R\$0,04/pé) por cinquenta anos plantou, adubando tudo organicamente utilizando esterco de galinha ou composto das Usina de Compostagem, não completamente compostados, curados ou curtidos, material que povoeu a várzea com toda a sorte de pragas / doenças e ervas daninhas, com destaque para Alho Bravo, Trevos, Losna e Tiriricas. Restou ao Tanaka o bom negócio de vender a terra onde plantava por R\$ 5,00/ m³, para o nosso fornecedor.

Inexistindo qualquer escrúpulo por parte do fornecedor, este sacaneou o cliente uma terceira vez pois em poucos dias, tempo suficiente para o cheque ser compensado, começam a pipocar OJNIs, por todo o jardim. Isso gera certa satisfação no fiel jardineiro, pois com uma boa conversa garantirá ao cliente que com algumas diárias a mais será possível vencer a luta contra os inços.

Não falei nada ainda do barranco, na verdade desta vez ele foi poupado, pois no meio da estória lembrei do Tanaka e resolvi tirar terra da várzea, mas tanto faz de um ou de outro o DANO AMBIENTAL é o mesmo. Saiba que a camada superficial do solo é o bem mais importante que podemos legar para as gerações futuras; esses vinte ou trinta centímetros superficiais, tem sua origem na decomposição de rochas por agentes, como; água, clima e ou organismos que foram quebrando-a em pedaços minúsculos, que são física, química ou biologicamente ativos. Em situações ideais, para a formação de um centímetro de solo, são necessários cento e vinte anos.

Então, o fornecedor retirando trinta centímetros da vestimenta de nosso solo, retirou algo que levará três mil e seiscentos anos para ser recomposto, muito mais tempo do que demorará para se decompor aquela garrafa PET, o filtro de seu cigarro ou a fralda descartável, mas isso ninguém fala, mais ou menos que nem a historinha “da gente que é pombo de São Paulo”

Cada vez que terra é trazida para o benefício de seu jardim, tenha certeza que no local onde foi retirada, por alguns milhares de anos, fará falta. Desta forma um jardim, ainda que natural por milhares de anos será prejudicado.

Acredito que os pares que me conhecem devam estar pensando, o Cristiano está virando” Bicho-grilo ou Eco-chato”. Ledo engano, a evolução proveu-nos de inteligência e para resolver problemas, devemos utiliza-la. Como alguém inteligente resolveria esse problema sem tirar terra de algum lugar??? Fácil, passemos á utilizar substratos agrícolas, que normalmente são substâncias orgânicas, resíduos de atividade agroindustrial, que passam por processo de compostagem, tendo características físicas e químicas melhoradas, como granulometria, pH, concentração de minerais, sendo alguns enriquecidos e recomendados como adubos.

Recomendo adicionar estes substratos á terra existente no jardim, até mesmo naquela oriunda de cortes ou aterros gerados pela construção civil, variando de caso á caso, a quantidade á utilizar.

Obviamente quando colocados em cobertura sobre a terra ou gramados, sua eficiência é diminuída.

Levado á complementar a informação, podemos citar alguns fabricantes de substratos, como Eucatex, Terra do Paraíso, Próvaso e Biomix (espero que na loja do Garden, existam todas estas marcas !!!!!), particularmente simpatizo mais com a Biomix, (na verdade simpatizo mais com a Joelma, que lá trabalha!!!!). Todos são idôneos, com bons produtos no mercado, com uma ou outra pequena diferença.

Imponho á você, que é pessoa ecologicamente correta, a reflexão sobre a continuidade do uso de terra em jardim.

Não aceito reclamações de fornecedores de terra, que ficarão sem atividade para seus caminhões, sugiro que contatem os fabricantes de substratos, contem sua estória e passem á transportar esse produto rico em vantagens.